

4

“Carta para-ti”: o rio que corre



Figura 51 - Estampa de apresentação do projeto “Carta para-ti”
Pintura de Renata Alves

O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem.

*João Guimarães Rosa
(Grande Sertão, Veredas)*

4.1

Memória itinerante: o projeto “Carta para-ti”

Em nossa perspectiva metodológica, a superação das dicotomias envolvia a necessidade de fortalecer a identidade dos Januários (pouso, raízes), mas também de abriremos as portas para o novo, para o contato com outras experiências, o que implicava deslocamento (vôos).

Mais uma vez, Janus parecia nos guiar. O deus das portas abertas, das passagens, do diálogo, da ponte entre mundos e realidades distintas. Os contos, as palavras, as histórias, as memórias e as imagens desejavam correr rio abaixo, ir para além daquele córrego.

Outro personagem importante de todo esse processo foi o pássaro inhapim. O Córrego se situa no município de Inhapim, cidade que adotou este nome pela enorme quantidade desse pássaro que existia por lá, hoje em extinção. Embora esteja por todo lado estampado nos uniformes escolares, a maior parte dos moradores nunca viu um de perto.

O inhapim tinha sido para nós uma pista preciosa, reveladora da ameaça de extinção não só de pássaros mas também de memória, história, convívio e intercâmbio de experiências. Durante o percurso pelo rio de memória dos Januários, no entanto, nos deparamos com dois inhapins. Parecia incrível que aquele pássaro tão raro, e que só os mais velhos conheciam de perto, se apresentasse para nós. O encontro com o pássaro se deu na mesma viagem em que soubemos do destino da tapera de Tia Fiinha. Pouco antes de partir, fomos convidadas a visitá-lo e conhecer sua história. Uma história forte que D. Winny (70 anos) nos conta:



Figura 52 - D. Winny e seu passarinho inhapim²³

Esse inhapim, a história dele é muito interessante. Um dia, eu mais o meu marido estávamos na porta do nosso açougue conversando, quando passou um Fiat e da janela do Fiat caiu uma caixinha. Parecia uma caixinha de som. Aí o meu marido falou assim: ah, gente, deve ser uma caixinha de som que caiu ali. E mandou o rapaz que tava perto ir lá pegar pra gente. Quando o rapaz chegou falou assim: ah, isso é um passarinho, eu pensei que fosse uma coisa de valor, mesmo. Aí meu marido falou assim: pois pra mim é de muito valor porque eu gosto muito de passarinho. Quando ele olhou, por coincidência, ainda é um inhapim, caiu justo na cidade com o nome dele.

Por ter se apresentado num momento difícil para Toquinha, abalada pela tristeza por causa da tapera, compreendi o inhapim como alegoria de esperança. No entanto, quando tudo parecia estagnar, recorri aos sentidos de memória e esperança vislumbrados no pássaro inhapim e o nomeamos nosso pombo-correio.

²³ Este fato aconteceu em julho de 2002 pouco antes de voltarmos para o Rio de Janeiro. Depois disso, muita gente foi conhecer de perto o pássaro que deu nome a cidade. Muitas crianças e adultos foram ver o inhapim pela primeira vez para alegria de D. Winny. O passarinho morreu em 2005, 22 anos depois de ter sido encontrado.



Figura 53 - Criança com esperança na mão

Começava a nascer o projeto “Carta para-ti” em que algumas das fotos produzidas por mim e pelos moradores nas oficinas de fotografia e memória se transformaram em cartões-postais.

O “Carta para-ti” foi desenvolvido em parceria com a *designer* Luiza Kramer Bazílio, aluna de graduação do Departamento de Artes e Design da PUC-Rio. O projeto, envolvendo fotos-postais, teve sua inspiração no III Festival Literário de Paraty (RJ), onde Toquinho se deparou com desenhos-postais feitos pelas crianças dessa cidade no projeto “Arte na Praça”, em 2006. O trabalho realizado por professoras numa oficina de postais, em que as crianças faziam desenhos sobre Paraty e enviavam aos amigos, nos levou a pensar em transformar em postais nosso acervo fotográfico da memória do Córrego dos Januários.



Figura 54 - O passarinho inhapim bordado em tecido

Esse projeto de memória itinerante por meio de cartões-postais possibilitou não só que as histórias dos Januários circulassem para além do córrego como, também, que se fortalecesse o propósito da comunidade na elaboração da Casa de Memória e Cultura.

Segundo Kossoy (2002), o início da “idade de ouro” dos cartões-postais se dá em 1899, sendo a Alemanha o país de maior produção (88 milhões de postais), seguido de Inglaterra e Bélgica. Mas em 1910 é a França que lidera a indústria de postais, produzindo mais de 120 milhões de unidades. Diante de números tão expressivos, Kossoy (2002) reflete sobre que influência os postais – como meios de expressão, correspondência e objetos de coleção – teriam tido na forma de pensar e agir dos homens daquela época.

Refiro-me às possibilidades de conhecimento visual do mundo – apesar de fragmentário – através das vistas e paisagens dos mais diferentes países, de suas cidades, ruas, edifícios e monumentos históricos, suas personagens típicas, costumes, cotidiano, e até suas catástrofes (p.64).

Kossoy lembra que, para além da “fúria colecionista” de que foram objeto, principalmente no período de 1900 a 1925, os cartões-postais sempre propiciaram a possibilidade de se viajar pelo mundo sem sair de casa.

Entretanto, acredito que os postais podem também provocar outras possibilidades de viagem. Refiro-me, por exemplo, ao deslocamento no tempo e no alargamento da experiência que essas cartas com imagem podem disparar.

Recentemente, vi alguns desses postais produzidos na Alemanha no contexto descrito por Kossoy (2002). Os cartões faziam parte de um acervo de documentos, fotografias, cartas e postais que haviam sido recém-descobertos por Deborah Alexander²⁴, filha de Kurt Alexander, um alemão refugiado do nazismo que tive o prazer de conhecer.

Durante toda a sua vida, o pai pouco falou sobre o que acontecera na Alemanha, mas preservou diversos documentos e fotografias de família. Há cerca de quatro anos, Deborah começou a olhar para esse “baú” com atenção e cuidado e compartilhou comigo parte desse processo:

²⁴ Deborah participou do grupo que esteve na primeira viagem ao Córrego dos Januários em 2001.

A família de meu pai morava em Gelsenkirchen, na Alemanha. Em 1939, ele chegou ao Brasil junto com seus pais e seu irmão gêmeo, quando então tinha 19 anos. Meu avô tinha vários irmãos e irmãs. Um dos irmãos e uma das irmãs de meu avô também emigraram para o Brasil. Outros foram para Inglaterra e Estados Unidos, e o único que emigrou para a Bélgica foi vítima do Holocausto. Não cheguei a conhecer nem minha avó, nem meu tio, que faleceram aqui no Brasil. Meu avô Julius, ao qual eu era muito ligada, faleceu quando eu tinha 9 anos. Venho me debruçando sobre essa história, adquirindo consciência, restaurando a memória da família e refazendo o contato com primos de meu pai ainda vivos, que moram no exterior. Se hoje meu pai fosse vivo, certamente eu teria muitas perguntas a lhe fazer, mas sinto que compreendo melhor o seu silêncio. Dentre as perguntas que eu tinha, e outras tantas que ainda tenho, uma era sobre o casamento dos meus avós. Quando havia sido? Pesquisando no Arquivo Nacional, tive a sorte de localizar uma tradução da certidão do casamento. Descobri então que ele aconteceu durante a I Guerra, no dia 17 de outubro de 1916, em Heidenheim, Alemanha. Com a certidão de casamento, algumas fotografias ganharam novo significado. Uma delas, um postal com uma fotografia de minha bisavó Mathilde para minha avó Ella, datado de 13 de outubro de 1916. Quatro dias antes do casamento! Senti que pode ter sido um cartão para abençoar a união de meus avós. E o sorriso de minha bisavó me passa uma coisa tão boa...



Figura 55 - Postal de 1916 com a fotografia de Mathilde Heynemann

Outro postal que ganhou novo colorido é uma fotografia de Heidenheim. Este é datado de 10 de setembro de 1916 e foi endereçado para a minha avó Ella na cidade onde ela nasceu, Varel. Acredito que se trata de um postal do meu avô Jakob para a minha avó mostrando a cidade onde ele estava morando provisoriamente e onde eles se casariam pouco mais de um mês depois. Será?

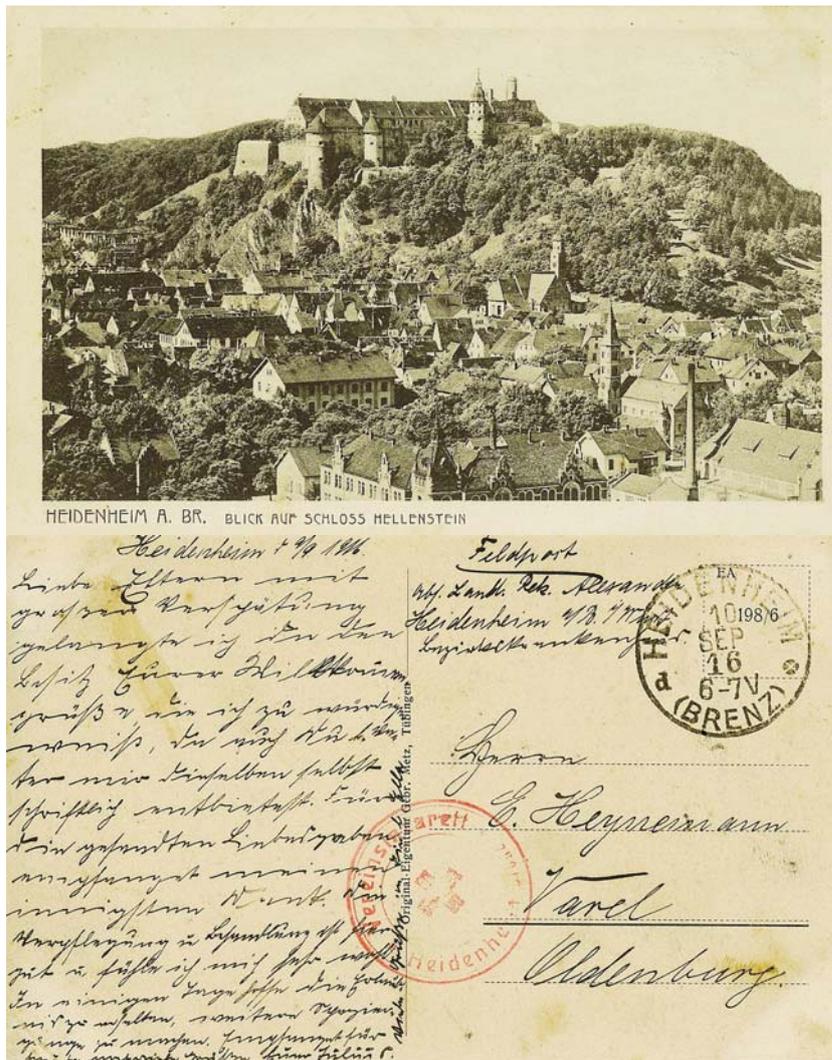


Figura 56 - Postal de 1916 da cidade de Heidenheim

O trabalho de recriação da memória familiar de Deborah fica evidente nesse bonito depoimento. Os postais funcionam como “suportes de memória” e vão preenchendo lacunas de sua história. Diante dos escritos ilegíveis, ela, apoiada em dados colhidos no Arquivo Nacional, se volta para a Alemanha de 1916 e se encontra com uma memória afetiva de sua família. O tema do casamento dos avós emerge envolvido num clima de afetividade em que minha amiga supõe sentidos que os dados históricos não dão conta de lhe fornecer. Memória, imaginação e história se entrelaçam e possibilitam o ressignificar de uma “memória do cotidiano de outrora” (Kossov, 2002) que subitamente encontra na neta e bisneta um destino.

Os cartões-postais preservam em sua estética uma dupla memória: a iconográfica propriamente dita e a mensagem escrita de afeição e saudade enviada por algum remetente desconhecido para outro alguém, também desconhecido. Fragmentos da

memória do cotidiano de outrora nostalgicamente perdidos, vagando sem destino em sua trajetória documental...além da vida (p.71).

Concebemos os postais “cartas para-ti” como suporte de uma memória que, por ser sensível, banhada na experiência, também provoca, sensibiliza. Expressão da cultura e da memória, elo com outros tempos e mundos, o projeto “Carta para-ti” resulta das imagens produzidas não só pela pesquisadora mas também nas oficinas de memória pelas crianças, adultos e mais velhos de Inhapim, todos fotógrafos de primeira viagem. Os postais são resultado dessas escavações. Neles estão grafados vários olhares que narram trechos de uma história que o Córrego dos Januários não quer deixar se perder. Essa grafia da memória é tramada pelo afeto, pela valorização de muitas vozes que o Córrego dos Januários demonstrava desejar que continuassem ressoando no mundo.

As “cartas para-ti” tiveram como propósito maior criar uma rede de contato e comunicação entre os moradores do Córrego e de outros lugares cujas experiências e histórias compõem nossa imensa diversidade cultural.

Os espaços de memória locais reforçam a identidade de um grupo, mas podem também reforçar a idéia de gueto, de que aquelas histórias só interessam para aquele grupo. O projeto “Carta para-ti” como um lugar de memória itinerante reforça a tese das portas abertas, das janelas para o mundo... Essas janelas, ao mesmo tempo que ampliam horizontes de experiências, aproximam histórias e criam elos. Noção de pertencimento a uma história mais ampla e à comunidade humana, pois:

se defendemos o fortalecimento de laços culturais, das raízes históricas dos diferentes grupos, e a consciência das tradições poderemos escapar da guetificação, do isolamento, da perda de humanidade (Kramer, 1998, p.209).

A ponte criada pelos postais entre os Januários e outras pessoas de tantos lugares diferentes acabou revelando uma profunda conexão com outras realidades, e isso fortaleceu a confiança e os aproximou novamente do desejo de criar abrigo para a própria história.

Mário Chagas (2006), ao refletir sobre outro projeto também envolvendo postais, inserido no projeto Rede Memória, do Centro de Estudos e Ações Solidárias da Maré (CEASM), no Rio de Janeiro nos faz compreender que é a

própria noção de patrimônio que está se alargando quando concebemos os postais como ponte:

Imagens e palavras impressas no papel passaram a compor uma narrativa toda especial, capaz de articular no mesmo episódio a tensão entre o singular e o universal; capaz de evidenciar a fazeção da ponte que liga o humano localizado e banhado pela maré cultural e a humanidade inflamada e sensível. Num dos cartões-postais, um dos comoventes depoimentos de um dos moradores das antigas palafitas está assim apresentado: “Quando eu mudei para lá, tinha que atravessá mesmo era por dentro d’água... Os outros tinha ponte, os outros tinha tudo, mas eu ainda não. Tinha mudado de pouco. Aí eu fui fazê a ponte.”

Essa narrativa poética, que combina o lírico e o épico num mesmo drama, explicita a tensão humana implicada na construção cultural de um patrimônio pessoal e a necessidade de construção de pontes. Se, por um ângulo, a ponte (material e espiritual) pode ser compreendida como patrimônio, por outro o patrimônio (tangível e intangível) pode ser compreendido como ponte entre espaços, tempos, indivíduos, coletivos e culturas diferentes. A compreensão do patrimônio como ponte pressupõe a dilatação da noção de patrimônio (p.1).

Antes de narrar como se dava na prática a laboração das “cartas para-ti”, eu gostaria de apresentar uma das imagens produzidas na oficina de memória e fotografia que se transformou em cartão-postal.

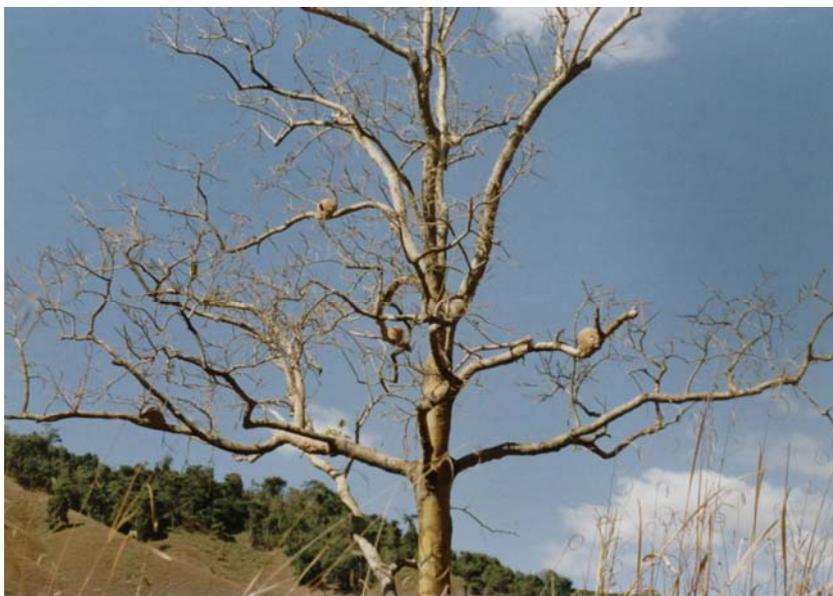


Figura 57 - João de barro e suas obras de arte

Relíquia é algo precioso, de valor. Talvez este seja o tema central desses fotógrafos que buscaram imagens de trabalhadores, do cultivo da terra, da natureza, de pessoas queridas, de casas antigas, vislumbrando como relíquia a própria gente e esse pedaço de chão das Gerais. Em uma das etapas da oficina,

enquanto víamos juntos as fotos, íamos refazendo nossa trajetória daquela manhã de outono de 2003. As fotos de que eles mais gostaram eram selecionadas, e para cada uma delas um título era escolhido pelo grupo para compor o acervo. Wander, Zito e Nenê examinam atentamente a foto de Leandro e começam a conversar sobre a imagem²⁵:

Zito: *A máquina também ensina a gente, uai. Por exemplo, na medida que ocê mira, se ocê não viu a pessoa todinha dentro daquele vidrozinho, ocê não arrisca, não, que não vai dar nada certo. Agora, se ocê viu a pessoa toda ocê pode apertar o gatilho que provavelmente dá certo (risos).*



Figura 58 - Denise, Sones, Carlos, Wander e Leandro vendo fotografias

Zito: *Qual é a árvore, Wandinho?*

Wander: *Aquela lá no pasto do Rodrigues.*

Zito: *Ah! Isso é uma sumaúma. Tem uma, duas, três, quatro. Ih, cinco casas de João-de-barro, seis.*

Nenê: *Cinco casas de João-de-barro só numa árvore, olha, Janete.*

Wander: *Tô pensando num detalhe que eu vi nessa foto.*

Denise: *O que que é?*

Wander: *Esse detalhe aqui. Sabia que eles (os passarinhos) fazem essas casas umas viradas pra cá, outras pra lá. Que quando ela tá virada pra cá geralmente o vento vem é de lá pra cá, pra não entrar dentro da casa.*

Zito: *Na época que o vento vai dar, conforme o lado, eles fazem a casa com a porta ao contrário.*

Nenê: *A casa ao contrário do vento.*

Wander: *Assim dizem. Mas pode olhar. Essa aqui tá com a boca pra cá, a entrada. Essa daqui pra baixo. Essa aqui também pra lá. Construir igual o João-de-barro só ele mesmo. Ninguém faz igual.*

²⁵ Este é um trecho da oficina de memória e fotografia dos adultos. Faz parte do estandarte “A Grafia do Olhar II”.

Zito: *E pode chover o tanto que chover que não quebra aquilo.*

Wander: *Obras de arte. Suas obras de arte. Podia ser este o título da foto.*

Leandro escutava os amigos e concordava. Orgulhoso da bela imagem, anunciou seu título: “João-de-barro e suas obras de arte”.

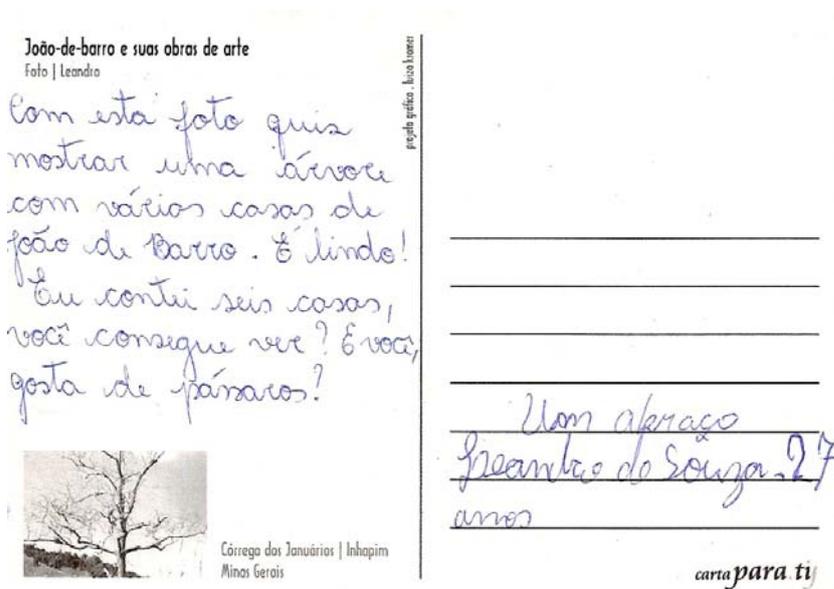


Figura 59 - Verso do postal “João-de-barro e suas obras de arte”

Com esta foto quis mostrar uma árvore com várias casas de João de Barro. É lindo! Eu contei seis casas, você consegue ver? E você, gosta de pássaro? Um abraço, Leandro de Souza - 27 anos

A imagem a seguir, fruto das caminhadas da pesquisadora no início de sua inserção no campo, se constitui em outro exemplo de como o projeto “Carta para-ti” foi se estruturando.



Figura 60 - Zilmar e a vassoura de alecrim

Eu estava hospedada na casa de Zilmar, em julho de 2002, e fotografei bem cedinho, sem que ela me visse, esta cena que se repete todos os dias na vida dela. Não podia resistir ao encanto daquela imagem e tinha consciência de que queria registrar exatamente aquele instante em que a simplicidade e a poesia daquele cotidiano se revelavam tão fortemente. Olhando para a foto, reconheço a mesma cena que inundou meus olhos naquela manhã. Ao ver a foto, Zilmar se emocionou com meu olhar diante de uma cena tão comum do seu dia-a-dia. Cabe ressaltar que, até então, eu nunca tinha visto uma vassoura de alecrim.

Um dia, Zilmar foi até seu cafezal buscar mais alecrim para fazer outra vassoura e nos chamou (Toquinha e eu) para acompanhá-la. No dia seguinte, tivemos a oficina da esteira de taboa. Zilmar, que também participou e sabia que eu estaria lá para fotografar, chegou com a vassoura e deu uma divertida aula de como montá-la.



Figura 61 - Zilmar fazendo a vassoura de alecrim

Zilmar: Tem que fazer economia, minha filha. Não pode ficar comprando vassoura, não! (risos) Vassoura tá muito caro! Agora eu vou varrer terreiro...²⁶

A pesquisadora Luce Giard (1996) chama a atenção para a invisibilidade social e o não reconhecimento cultural das ocupações cotidianas das mulheres e propõe uma outra perspectiva que identifique em nossa metodologia:

Voltar o olhar para as pessoas e as coisas do presente, para a vida comum e sua diferenciação indefinida. Ver o gelo frágil dos hábitos, o solo movediço dos partidos tomados onde se incisam circulações sociais e costumeiras, onde se descobrem atalhos. Aceitar como dignas de interesse, de análise e de registro aquelas práticas ordinárias consideradas insignificantes. Aprender a olhar esses modos de fazer, fugidios e modestos, que muitas vezes são o único lugar de inventividade possível do sujeito: invenções precárias sem nada capaz de consolidá-las, sem língua que possa articulá-las, sem reconhecimento para enaltecê-las; biscates sujeitos ao peso dos constrangimentos econômicos, inscritos na rede das determinações concretas (p.217).

A partir de 2006, passei a viajar para o Córrego tendo como principal objetivo a seleção de imagens que se transformariam em postais. Nesse processo, procurava articular às imagens seus contos, suas histórias. Para isso, um grupo de crianças e jovens no Córrego me ajudava a colher com os fotógrafos e fotografados aquilo que eles queriam dizer como mensagem do postal. O critério para a escolha dos postais “carta para-ti” envolvia a qualidade técnica das imagens, mas principalmente seu valor de memória, cultura e expressão de um cotidiano, de seus sujeitos e suas “artes de fazer” (Certeau, 1994). A foto de Zilmar foi logo escolhida, mas nem de longe a própria Zilmar poderia imaginar o quanto ela e a vassoura de alecrim iriam tocar outros grupos além dali...

²⁶ A história de “Zilmar e a vassoura de alecrim” está no acervo e compõe o estandarte “Terra e Memória”.

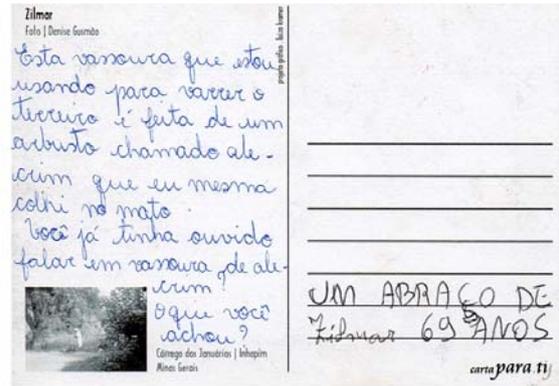


Figura 62 - Postal da foto de Zilmar com mensagem escrita por ela
Figura 63 - Resposta do postal escrita por Letícia para Zilmar

Esta vassoura que estou usando para varrer é feita de um arbusto chamado alecrim que eu mesma colhi no mato. Você já tinha ouvido falar em vassoura de alecrim?
Um abraço de Zilmar - 69 anos.

4.2

A oficina “Carta para-ti” na V Festa Literária Internacional de Paraty

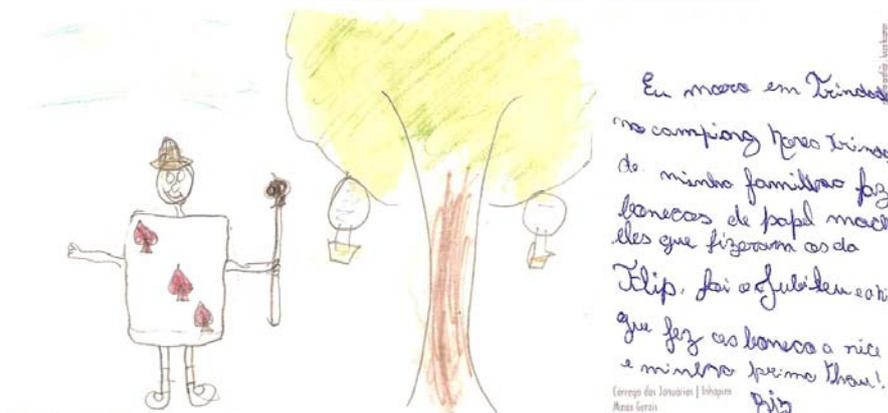


Figura 64 - Edervanio, Fernanda, Toquinho, Denise, Herotildes, Débora, Fabiane, Dayane e Branca

Figura 65 - Postal escrito para Débora

Eu moro em Trindade no camping Nova Trindade. Minha família faz bonecos de papel machê. Eles que fizeram os da Flip. Foi o Jubileu e a Nice que fez os bonecos. A Nice é minha prima. Tchau. Bjs
De: Marcella – 13 anos

No ano de 2007, o projeto “Carta para-ti” se tornou essencial para toda a comunidade, possibilitando que os “Januários” saíssem de sua terra e interagissem com os participantes da Flipinha, a versão infantil da Festa Literária Internacional de Paraty; do Paiol de Histórias, projeto da Fundação Cultural Casa Lygia Bojunga, em Petrópolis (RJ); e do evento PUC PELA PAZ, no Rio de Janeiro.

Nossa primeira experiência com a oficina “Carta para-ti” aconteceu na Flipinha, em julho de 2007. Esta viagem contou com a participação dos moradores do Córrego dos Januários Edervanio de Souza Lucas (estudante de psicologia), Dayane Ribeiro de Oliveira (estudante da 7ª série do Ensino

Fundamental), Fabiane Ribeiro de Oliveira (estudante da 8ª série do Ensino Fundamental), Débora Maria Pereira (estudante), Edmar Maria de Souza- Branca (professora) e Lucia Duarte (professora)²⁷.

Acompanhado de um “varal de contos e imagens”, que configura uma exposição itinerante, um estandarte de apresentação do projeto e uma caixa de correio com o pássaro inhapim, convidávamos o público a selecionar um postal; a responder à pergunta escrita pelos moradores do Córrego situada no verso da imagem; e a deixar um endereço de correspondência. Por meio dessas cartas e trocas, começávamos a vislumbrar o alargamento das margens de memória do Córrego. No final da apresentação da oficina, alguns dizeres revelavam nossa intenção:

Em breve o convidaremos para conhecer nossa Casa de Memória e Cultura e você verá que através do seu postal você também será parte da memória e da rica trama de experiências deste povoado das Minas Gerais. Uma memória que, ao se alargar, não é só para o Córrego dos Januários mas também *para-ti*.

Crianças e adultos de idades variadas e provenientes de locais tão diversos como Trindade, Campinas, Itu, Paraty, São Paulo, Porto Alegre e Maranhão fizeram questão de deixar o seu recado, surpreendendo o grupo do Córrego.

Dayane: Eu fiquei com medo, achando que não ia juntar tantas pessoas, porque no começo não tinha muitas lá. Aí depois foi juntando e aí na hora que já tinha terminado tinha gente querendo mais.

Débora: De longe as pessoas viam as fotos. Quando ela achava uma que interessava ela parava e perguntava: onde que é isso? Eu mesma atendi, conversei com um monte de pessoas que chegaram lá só pelas fotos. Porque de longe eles viam e perguntavam o que era. Aí a gente falava que tinha postais, o que era o trabalho. Aí eles iam desenhar e escrever.

Edervanio: Eu achei interessante foi o nosso entusiasmo em mostrar, em estar explicando pras pessoas o que era a oficina. Se tivesse ido pouca gente a gente ia brigar pra ver quem é que ia atender o pessoal. Eu não imaginava que fosse tanta gente. Aí foi chegando pessoas de fora que nem conheciam, tão entusiasmadas, tão interessadas em conhecer, isso foi muito importante pra gente. Nos incentivou bastante.

Apresento a seguir alguns exemplos dos postais escritos pelos Januários e das respostas obtidas nas oficinas. Foram ao todo 70 postais que hoje se encontram na Casa de Memória e Cultura, no Painel “Carta para-ti”. Destes,

²⁷ Fernanda Chagas, secretária de Educação de Inhapim em 2007, também acompanhou o grupo na viagem a Paraty. O transporte para essa viagem foi cedido pela Prefeitura de Inhapim.

mostro apenas os selecionados pelos critérios de receptividade e pelos temas que deles emergiram, tais como testemunho, intercâmbio de experiências, tradição, escola como espaço de diálogo entre as gerações, atenção e cuidado com a natureza, sentido de coletividade, entre outros.

A fotografia da árvore com as casas de João-de-barro feita por Leandro e o que ela provocou nos colocam face a face com o saber daqueles que, convivendo com a natureza, trazem outras leituras, ampliando cada vez mais nosso olhar para as miudezas e delicadezas da vida.

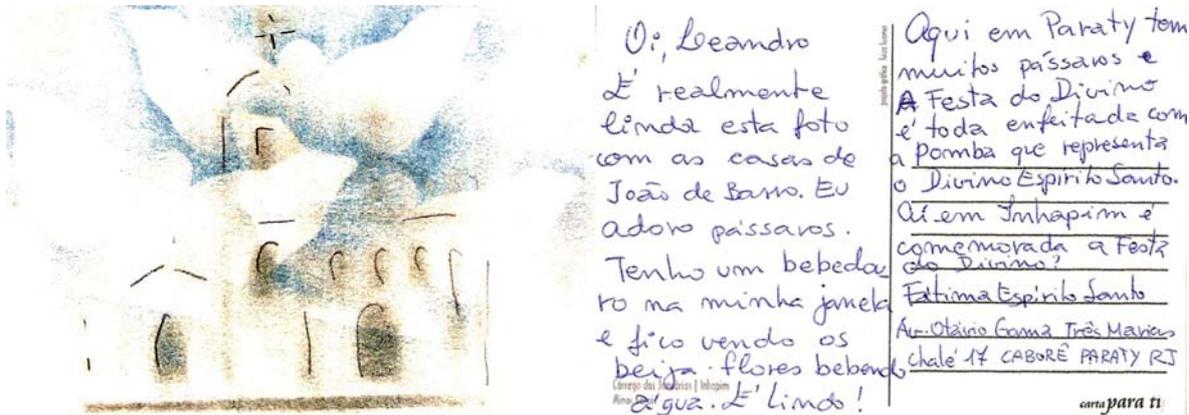


Figura 66 - De Fátima para Leandro

Oi, Leandro

É realmente linda essa foto com as casas de João de Barro. Eu adoro pássaros. Tenho um bebedouro na minha janela e fico vendo os beija-flores bebendo água. É lindo. Aqui em Paraty tem muitos pássaros e a festa do Divino é toda enfeitada com a pomba que representa o Divino Espírito Santo. Aí em Inhapim é comemorada a festa do Divino? Fátima Espírito Santo, Caborê, **Paraty-RJ**

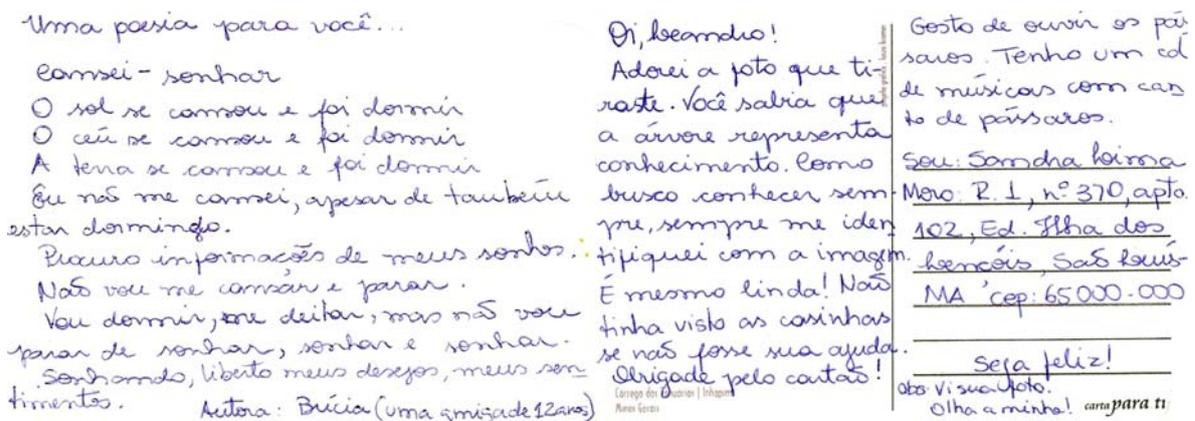


Figura 67 - De Sandra para Leandro

Oi, Leandro!

Adorei a foto que tiraste. Você sabia que a árvore representa conhecimento. Como busco conhecer sempre, me identifiquei com a imagem. É mesmo linda! Não tinha visto as

casinhas se não fosse sua ajuda. Obrigada pelo cartão! Gosto de ouvir os pássaros. Tenho um cd de musicas com canto de pássaros. Seja feliz!
Sou: Sandra Lima, **São Luis- Maranhão**

Uma das tradições que emergiu do solo mineiro foi a maneira singular de preparar as broas ainda hoje tão conhecidas naquela região.



Figura 68 - Postal peneira com massa de broa com mensagem escrita por Elizete

Estas são as famosas broas de Minas. Antigamente eram enroladas em folhas de bananeira em formatos de barquinhos e depois colocadas no forno de barro. Estas broas estão no abano de minha mãe Regina, para lembrarmos dessa tradição. Se fazia muita broa por aqui, sempre que tinha casamento. Até hoje, comemos muita broa tomando café. Você já experimentou? Que delícias que você conhece que são preparadas de um jeito diferente como essas broas? Um abraço de
Elizete Dias de Oliveira - Córrego dos Januários - 34anos

Ao escrever seu postal, Elizete se apropria de um costume antigo das mulheres do Córrego e o transmite de um modo que provoca na menina Bárbara desejo de experimentar algo que desconhece e, na paulista Heide, uma lembrança. Sua narrativa me faz lembrar de Benjamin (1995): “Era ‘tradição’ enrolada naquele interior que eu sentia em minha mão e que, desse modo, me atraía para aquela profundidade” (p.122).



Figura 69 - De Bárbara para Elizete

De: Barbara A. Canonia Para: Elizete Dias de Oliveira - Córrego dos Januários
Parabéns pela redação sobre as broas. Você é uma pessoa sortuda por ter a experiência de comer a broa. Eu nunca comi broa. Eu não conheço nenhuma mas gostaria de conhecer.

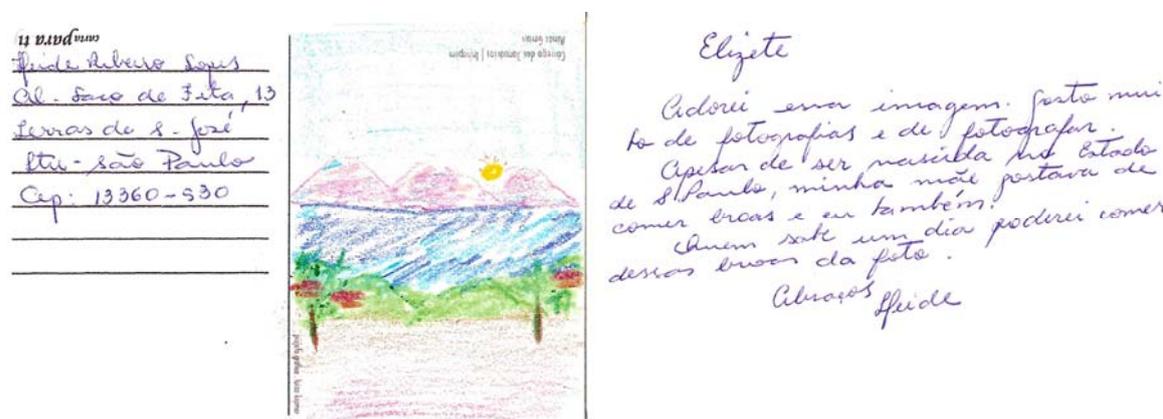


Figura 70 - De Heide para Elizete

Elizete,
Adorei essa imagem. Gosto muito de fotografias e de fotografar. Apesar de ser nascida no estado de S. Paulo, minha mãe gostava de comer broas e eu também. Quem sabe um dia poderei comer dessas broas da foto. Abraços,
Heide - Itu-SP

Um outro postal que entrelaça memória, tradição e narrativa traz como personagens principais Dedé e Efigênia.

Em abril de 2003, Dedé (63 anos) sugeriu que fotografássemos para o acervo da memória do Córrego o processo de tecer uma esteira de taboa²⁸, ofício que todas as mulheres conheciam bem há quarenta anos. A proposta foi aceita imediatamente e combinamos fazer uma oficina, convidando crianças e adultos para participarem. Eu entendia a oficina como uma oportunidade de registro da

²⁸ Tabua ou taboa, como se diz no Januários, é uma planta de folha fina e comprida que nasce em lugares úmidos. Colhida ainda verde, é depois posta a secar ao sol para ser usada na confecção da esteira.

memória oral e da escuta das narrativas que provavelmente aquela experiência provocaria. Além disso, era nosso objetivo nas oficinas o contato entre as gerações, por meio da partilha de um conhecimento “banhado na experiência” O registro dos “contos e imagens” por meio do gravador, e principalmente da câmera fotográfica, se constituiu como tarefa essencial na construção do acervo coletivo, e ao mesmo tempo se apresentou como metodologia desencadeadora de um processo de ressignificação de valores e de memória. Em momentos como esse, em que se evocava uma experiência de pais e avós, havia um clima de reverência no ar. Dedé nos ensinou isso por meio da seriedade, delicadeza e alegria com que preparou o tear que foi fotografado para a história dos Januários (Gusmão, 2004, p.66).



Figura 71 - O tear feito por Dedé

Provocada por minha interlocução, Dedé contou como havia aprendido a fazer esteira:

Dedé: Minha mãe fazia. Eu sou mãe de dez filhos. Meus filhos foram criados tudo na esteira. Dormindo na esteira, né? Na época que a gente tinha os filhos da gente, naquela época a gente não podia comprar, né? Era pouca gente que usava esse negócio de colchão. Antes, era esteira mesmo. A gente corta ela lá no taboal, e deixa ela oito dias pra ela murchar. Aí depois a gente já pode trabalhar com ela.

Efigênia (65 anos): Nós mesmo dormimos muito na esteira. A gente trabalhava o dia inteiro, e cheio de picão (mato), trabalhava cheio de picão. Porque o pai morreu e a gente ficou tudo piquitinho com a mãe. Eu comecei trabalhar na roça desde a idade de sete anos. Chegava de noite, lavava só pé e tum (caía) na esteira de taboa. Não tomava banho não, uai! (risos)



Figura 72 - Dedé (à direita) lembrando à Efigênia a arte de tecer esteira

Enquanto teciam a esteira, orientadas por Dedé, as mulheres tramavam uma narrativa refazendo uma rede tal qual nos fala Benjamin (1994):

Contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas. Ela se perde porque ninguém mais fia ou tece enquanto ouve a história. Quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido. Quando o ritmo do trabalho se apodera dele, ele escuta as histórias de tal maneira que adquire espontaneamente o dom de narrá-las. Assim se teceu a rede em que está guardado o dom narrativo. E assim essa rede se desfaz hoje por todos os lados, depois de ter sido tecida, há milênios, em torno das mais antigas formas de trabalho manual (p.205).

Dedé e Efigênia faleceram em 2005 e não puderam conhecer os postais que levariam suas “artes de fazer” (Certeau, 1994) para tão longe do Córrego. Quem escreve esta “carta para-ti” é Maria José, filha de Dedé, que ao narrar seu “conto” continua tecendo a rede de narrativas iniciada por sua mãe e que ganha na praça de Paraty um “fio” gaúcho.



Figura 73 - Postal da foto de Dedé ensinando a tecer esteira de taboa com mensagem escrita por sua filha Maria José

Figura 74 - Resposta de Carla e Edison para Maria José

Esta é minha mãe, Maria Hilda das Dores Souza, conhecida por todos como Dedé. Este tear foi ela quem fez para ensinar como se faz esteira de taboa. Quando criança eu ajudava minha mãe a pegar a folha da taboa e depois colocar para secar. Ela sentia uma felicidade muito grande em fazer esteira. Minha mãe Dedé, para mim é muito importante. Você conhece taboa? Um abraço de Maria José em minha mãe Dedé
Maria José -25 anos

Para Maria José- oficina de esteira,
Oi, somos Carla e Edison, estamos visitando Paraty. Nós somos de **Porto Alegre, RS** e estamos casados há 6 anos. Estamos fazendo uma viagem por todo o Brasil. Nós não conhecemos taboa. Um grande abraço para vocês.

O tema a seguir se relaciona com uma queixa recorrente no Córrego dos Januários: o isolamento. Atravessado por uma visão de progresso que dissocia luz e calor, Edervanio é provocado a sair de uma possível nostalgia contida em sua escrita e vislumbrar alternativas que mostram que mesmo na cidade grande há espaço para o desejo de conviver.

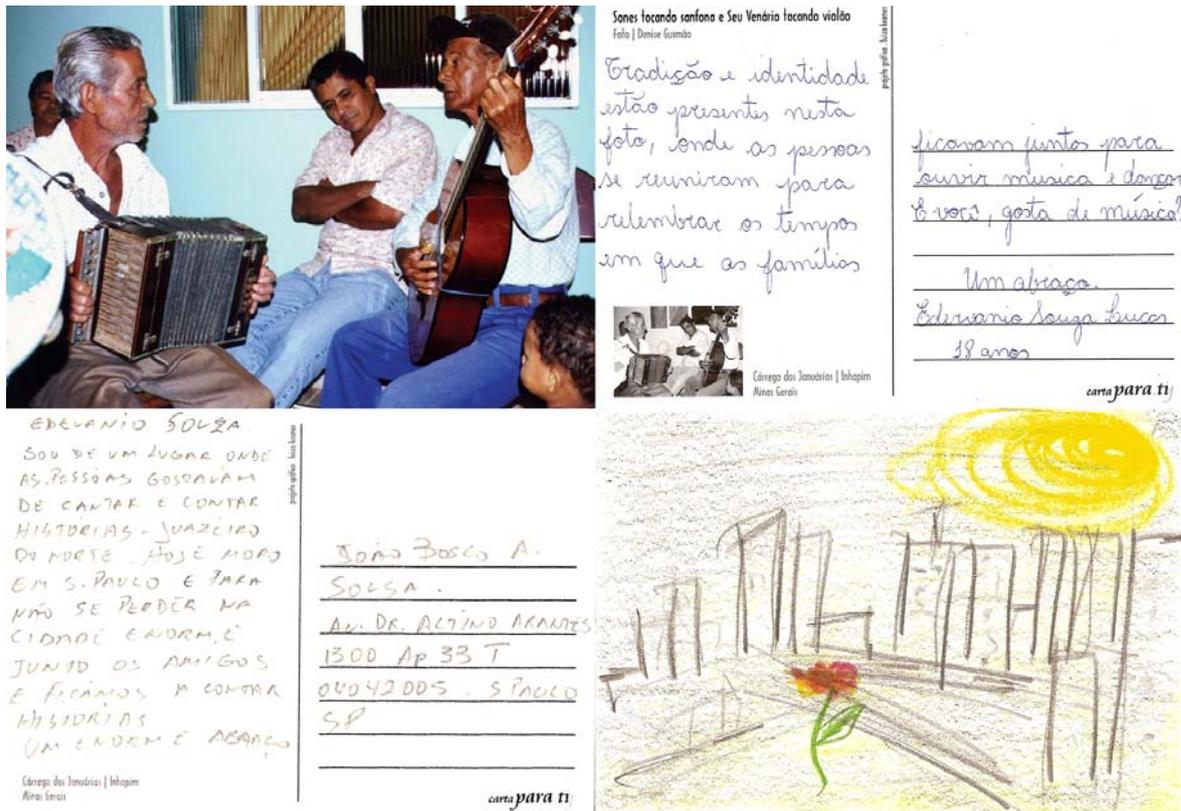


Figura 75 - Postal escrito por Edervanio
 Figura 76 - Resposta de João Bosco para Edervanio

Tradição e identidade estão presentes nesta foto, onde as pessoas se reuniram para relembrar os tempos em que as famílias ficavam juntas para ouvir música e dançar. E você, gosta de música? Um abraço, Edervanio Souza Lucas - 18 anos

Edervanio Souza,
 Sou de um lugar onde as pessoas gostavam de cantar e contar histórias – Juazeiro do Norte. Hoje moro em São Paulo e para não se perder na cidade enorme, junto os amigos e ficamos a contar histórias. Um enorme abraço,
 João Bosco A. Souza

Uma das preocupações atuais dos Januários diz respeito à diminuição progressiva do nível das águas dos rios locais. Este é o tema do postal “Janete e Kycella na cachoeira do Deco André”. A foto foi feita por Nenê (66 anos), na oficina de fotografia com adultos realizada em junho de 2003.



Figura 77 - Janete e Kycella na cachoeira do Deco André
(Foto de Nenê)

Nenê: Essa foto eu gostei porque é minha filha e minha neta também do lado da cachoeira. É, ficou bonito.

Wander: Isso aí é relíquia do Januário. É a única que tem.

Nenê: É uma relíquia do Januário, a cachoeira, né? E por ser minha filha caçula e minha neta. Janete e Kycella na cachoeira do Deco André.

Diante dessas observações, sugeri que na montagem do acervo da Casa de Memória e Cultura seria importante alertar para o risco do desaparecimento dessas relíquias, revelado pelo olhar atento de Nenê.

Nenê: Muito bom, né? Porque se não, vê a foto e não sabe onde é, nem pra que, né? Tem que explicar. Hoje em dia eles já cortaram muito aquela mata. Era tudo fechado lá. Cortou demais. Tem só um pouquinho. Precisa falar...

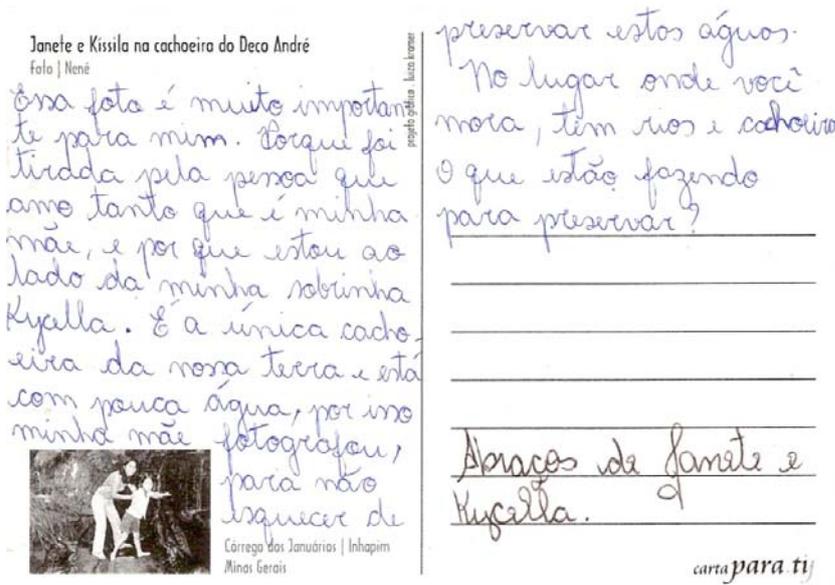


Figura 78 - Postal de Janete e Kycella com mensagem escrita por elas

Essa foto é muito importante para mim. Porque foi tirada pela pessoa que amo tanto que é minha mãe, e porque estou ao lado da minha sobrinha Kycella. É a única cachoeira da nossa terra e está com pouca água, por isso minha mãe fotografou, para não esquecer de preservar estas águas. No lugar onde você mora, tem rios e cachoeiras? O que vocês estão fazendo para preservar? Abraços de Janete e Kycella.

A narrativa de Janete e Kycella marca a função crítica que o ato fotográfico pode assumir e expressa o reconhecimento e a valorização de um tema precioso para as mulheres dessas três gerações que encontra eco em Salyssa, de 12 anos, e sua mãe.

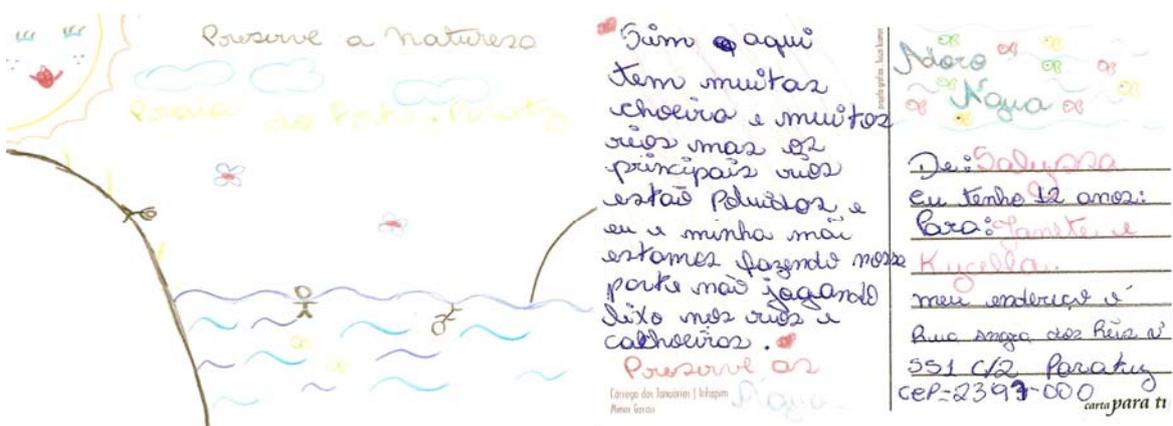


Figura 79 - Resposta de Salyssa para Janete e Kycella

Para: Janete e Kycella
 Sim aqui tem muitas cachoeiras e muitos rios mas os principais rios estão poluídos e eu e minha mãe estamos fazendo nossa parte não jogando lixo nos rios e cachoeiras. Preserve as águas. Adoro água.
 De: Salyssa. Eu tenho 12 anos. **Paraty**

Diante do intenso interesse das pessoas em nossa oficina, eu pensava que nosso projeto “Carta para-ti” não poderia ter encontrado melhor espaço para ser inaugurado. Além de moradores de Paraty, passaram pelo evento “Arte na Praça”, no centro histórico da cidade, visitantes de várias partes do Brasil. A memória itinerante dos Januários, sem sair daquela linda praça, encontrou paulistas, cariocas, gaúchos e até uma maranhense, o que provocou a seguinte reflexão:

Débora: Você vê, aquela professora Sandra. Ela foi passar as férias, foi passar o aniversário dela em Paraty. Aí chegou lá e olha o monte de coisa que ela encontrou. Apesar que ela já sabia, ela foi pra lá já sabendo que ia ter, mas ela não imaginava que ela ia encontrar o tanto de coisa ali que lá onde ela mora não tem. Ela veio lá do Maranhão. Igual a gente foi pra lá, nunca imaginou encontrar aquilo em lugar nenhum aqui na nossa região, mas que fomos pra lá e encontramos lá e podemos trazer pra cá. Igual ela vai fazer, levar pra lá.

Esse intercâmbio a que Débora se refere me parece a própria essência do “Carta para-ti.” O deslocamento da memória pelos postais leva histórias, experiências, tradições e os Januários para além do Córrego. Essa tensão entre o pouso (identidade) e o vôo (intercâmbio, abertura para o novo) nos interessa. A narrativa das “artes de fazer de homens ordinários” (Certeau, 1994) de práticas de um cotidiano da roça mineira, se revela nos “contos e imagens” dos postais e encontra naquela praça destino e destinatário. O que vi nesse encontro remete à possibilidade de narrar e intercambiar experiências de que nos fala Walter Benjamin (1994). As “cartas para-ti” provocam curiosidade, aprendizado e também evocam lembranças. Aproximam histórias, pessoas, criam pontes e fazem emergir uma “comunidade afetiva” (Halbwachs, 2004) composta de membros de diferentes espaços e tempos.

4.2.1

Identidade e ancestralidade: um encontro com a memória indígena

Durante a oficina, o grupo se encantou com a participação das meninas da aldeia Guarani que fica perto de Paraty. A cena dos meninos do Januário pedindo

para serem fotografados com as indiazinhas fez meu pensamento ir longe, ao encontro de um tema que há tempos me intrigava.



Figura 80 - Fotos da oficina na V Festa Literária Internacional de Paraty
Evento Arte na Praça - 6 de Julho de 2007

Os vestígios de povos indígenas no Córrego sempre me chamaram a atenção. O primeiro deles era nos próprios rostos dos Januários. Mas na medida em que tentava escavar algo dessa memória, dessa origem, eu percebia que ela praticamente não mais circulava por ali. No entanto,

Poucas são as sociedades nas quais tenhamos vivido, seja em que tempo for, que não subsistam, ou pelo menos não tenham deixado algum traço de si mesmas nos grupos mais recentes onde estamos mergulhados: a subsistência desses traços basta para explicar a permanência e a continuidade do próprio tempo nesta sociedade antiga, e que nos seja possível, a qualquer momento, nela penetrar através do pensamento (Halbwachs, 2004, p.133).

Adélia, a presidente da Associação de Moradores do Córrego, era uma das raras pessoas que traziam alguma memória da ancestralidade indígena.

Adélia: A minha vó, mãe do meu pai, era filha, assim eles contam, que era filha de índio.

Denise: Então seria sua bisavó, é isso?

Adélia: Pelo menos o Tio Antônio conta, a Tia Guilhermina também já contou que a minha bisavó, dizem que ela foi pega no laço. Eles contam isso.

A minha avó, eu não tenho retrato dela não, a mãe do meu pai, ela era uma baixinha, diz que tinha o cabelo lisinho, sabe, bem escurinha, ela era de cor escura. O Tio Antônio, a Tia Guilhermina fala que ela era descendente de índio. É só isso que eu sei.

Conversando com Daniel Arcanjo, primo de Toquinha, soube que aquela região era habitada por duas diferentes tribos indígenas: os puris e os botocudos. Eu percebia os rastros dessa memória não só nos traços físicos dos moradores como também em algumas tradições, como a broa apresentada em formas feitas na palha de bananeira, por exemplo.

Buscando compreender melhor esse esquecimento, fui certa vez conversar com o historiador Aloysius, morador da cidade de Inhapim.

Aloysius: Uma professora de geografia me contou na década de 80 que, quando estavam fazendo as fundações da cadeia nos anos 60, acharam muita quantidade de cerâmica, vaso quase que inteiro. Só que essas coisas ninguém cuidou, jogou fora, não se preocupou. Mas depois aquilo apagou. Quando eu fui entrar no curso de História aí eu comecei a lembrar dessa história, mas eu nunca voltei a perguntar pra ela. Ela tá aí ainda, é fácil da gente conversar. Nunca ninguém fala dos índios em Inhapim, sempre fala dos que vieram de fora, claro que esse primeiro contato deve ter sido num primeiro momento de estranhamento, não sei, um pouco depois pode ter passado por uma fase de aproximação assim, pegar as índias na laço. Talvez, não sei. Então é um ponto que ainda fica em aberto. A gente procurando aqui na região a gente acha muita gente que faz essa referência. Essa menina mesmo lá no Uaporanga que a gente foi lá na terrinha do pai dela, ela falou que quando eles eram meninos tinha lá assim no canto da varanda da casa lá assim, quase que pote inteiro, só que assim, nunca ninguém se atinava pra preservação daquilo. Aí os meninos quebravam aquilo, ficava jogando pra fazer aqueles saltinhos no rio, e acabou. Acabou que ninguém guardou. (...) Tem muita gente dos mais antigos, minha mãe mesmo já falou isso, outras pessoas eu já ouvi falar: ah, esse menino é meio puri. O pessoal usa esse termo até hoje. É meio depreciativo, como se dissesse meio bobo.

O termo “meio puri” usado com conotação depreciativa destacado por Aloysius me fez pensar. Esse rastro de memória expresso na linguagem que ainda circula na região revela um fato triste, mas que não surpreende. Sabemos que, no Brasil, a ancestralidade indígena está cercada de preconceito e negação. Mas quando negamos algo que nos constitui como sujeitos históricos e sociais, aparecem sequelas. Talvez a questão da timidez, da menos valia, queixas constantes dos Januários, tenha relação com essa parte da identidade negada, desvalorizada, esquecida. Penso que há uma ressignificação desse lado indígena que é preciso fazer no Córrego. Por mais que seja recalcada, a face puri da comunidade existe.

Eu disse a Aloysius que esse pode vir a ser um projeto inserido na Casa de Memória e Cultura depois de sua inauguração. Um projeto em que esse espaço de memória e cultura possa promover pesquisas e atividades que contribuam para o fortalecimento de uma identidade capaz de se abrir ao diálogo com a pluralidade que existe na nascente desse Córrego. Diálogo que defendo como fundamental não só para os Januários, mas para todos nós no processo constante de nos fazermos e refazermos sujeitos “da” e “na” história.

Naqueles dias em que estivemos em Paraty, a memória dessa ancestralidade foi tocada. Durante as palestras dos escritores na Flipinha, um deles se destacou. Eu e Toquinho já conhecíamos alguns livros de Daniel Munduruku e achamos que seria muito bom aproximar o grupo de temas tão essenciais do nosso projeto, como memória e literatura. Além disso, esse encontro nos pareceu uma interessante oportunidade de tocar no tema da ancestralidade indígena que faz parte, como vimos, de uma memória subterrânea (Pollak, 1989) do Córrego dos Januários. No final de sua palestra, nos apresentamos ao Daniel, que prontamente concordou em nos dar uma entrevista.

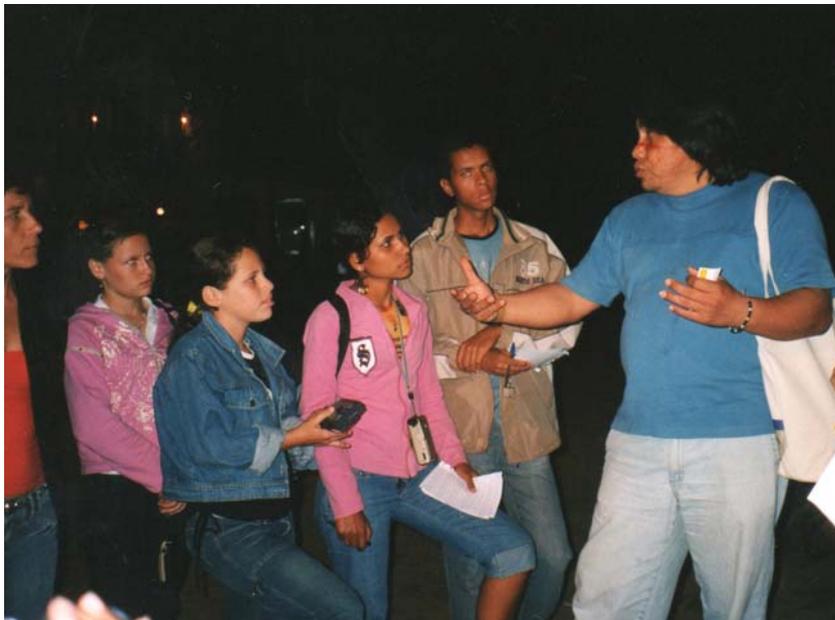


Figura 81 - Lúcia, Fabiane, Dayane, Débora, Edervanio e Daniel Munduruku

Branca: *O Córrego dos Januários é um lugarejo pequenininho mas que se tornou grande porque a gente tá recuperando a memória. Praticamente tudo que você falou ali é interessante pra gente mesmo. Está na nossa memória também.*

Daniel Munduruku: *E tem muitos povos indígenas que efetivamente perderam a sua memória. Muitos velhos morreram, e pra nós os velhos são esses detentores da memória. Pra nós o velho funciona como se fosse uma espécie de biblioteca viva,*

né? Uma das coisas que a gente mais deseja na vida da gente é morrer velho. E a gente quer morrer velho não por vaidade, mas é porque quando a gente se torna velho, velho tem um conceito relativo, velho não tem muito a ver com muita idade, tem a ver com o fato de se tornar avô. Quando a gente se torna avô eu já sou velho, é uma outra classificação pra nós. E cabe ao velho, ao avô, recontar as histórias. Porque o pai e a mãe para o nosso povo são responsáveis por falar coisas práticas. O pai ensina a pescar, a caçar. A mãe ensina a fazer artesanato, a coisa muito prática mesmo do dia-a-dia nosso. Mas quando esses pais eles passam a ser avós, essa função deles praticamente acaba. Não é mais função deles ensinar essas coisas práticas. Ai eles passam a ensinar as coisas que têm a ver com o espírito da gente. Cabe aos avós contar as histórias. Pai e mãe não contam muitas histórias. Mas quem conta mais as histórias, quem é o detentor dessa memória, é o avô. Por isso, quanto mais velho uma pessoa for em idade, mais importante ela é. Porque ela vai continuar sendo a detentora da memória. A biblioteca. O meu povo tá em mim, né? Pra gente não tem essa, ah... saí, não tô mais lá, já virei outro. Não tem isso. Porque ele mora em mim e eu moro no povo. A memória que eles criaram em mim, que eu fui construído com eles, me torna parte desse povo. Onde eu estiver, o que eu faça. Eu posso até negar, mas essa memória não desaparece, ela não some. Ela tá em mim. Eu posso brigar contra ela, mas ela vai estar ali do mesmo jeito. Por isso que quando as pessoas dizem que é porque saiu da aldeia não é mais membro daquele povo, isso é falta de compreensão. As pessoas não compreendem. Como eles não sabem o que é memória e então elas acham que você sai fisicamente, pronto, já era. Não percebe que existe um fio invisível que fica nos segurando como teia de aranha.

Edervanio: *De onde vem sua inspiração pra escrever?*

Daniel Munduruku: *Minha inspiração vem sempre do meu povo, né? Da memória, dessa memória coletiva, do jeito do nosso povo ser, da filosofia de vida que o nosso povo tem, é isso que me inspira. Inspira-me também uma sociedade que consegue fazer silêncio, e como essa falta de silêncio prejudica a memória, né? E a gente que vive na floresta a gente se acostuma muito com a ausência. Então a ausência é uma coisa boa. A noite que não tem lua, tá tudo escuro, né? Então isso é uma coisa boa pra gente pensar dentro da gente. Então qualquer coisa pode ser motivo de inspiração. Já me inspirei em muitas coisas. Já me inspirei no meu filho que fez uma pergunta uma vez. Um livro recente que eu fiz nasceu quando estava participando de um evento lá em Paris ano passado no Ano do Brasil na França, eu participei lá e fiz o último livro inspirado na pressa das pessoas. Eu via muita gente andando de um lado pro outro, correndo, trabalhando, e de repente eu pensei: preciso achar um jeito de roubar a hora dessas pessoas. Ai nasceu o livro...*

Toquinho: *A literatura foi uma forma de eu contar a história do meu lugar pros outros, pra que outras pessoas conhecessem e pra que a própria comunidade também valorizasse um pouco mais essa história. E pra você?*

Daniel Munduruku: *Eu não sei dançar, por exemplo, nem cantar, mas eu sei escrever. Entendeu? Então é uma maneira de manter a memória viva. A memória escrita. Ela vai ajudar, vai permitir que outras crianças, que outros jovens tenham acesso a uma memória que aos poucos se perdeu, que é a memória oral. Tem muitas histórias que eu conto que são memória perdida, no sentido literal dela. O velho já morreu, aquele que conhecia.*

Edervanio: *Ouvimos na sua palestra aqui na Flipinha você usar a expressão “catar piolhos”. Você pode explicar um pouco mais pra gente?*

Daniel Munduruku: *Na verdade, nossos pais, nossas mães catam piolho. Só que é um catar piolho que não é necessariamente pegar os piolhos, mas é poder acolher as pessoas. Catar piolho é uma forma de dizer: vem cá, vem, eu tenho uma história pra te contar... Você põe no colo e bate aquele papo. Conta aquela história, dá aquele conselho. Puxa a orelha. É o momento ali de intimidade. Dentro da*

concepção indígena de conversar com as pessoas. Ela não pode ser gritada, ela tem que ser ali, ao pé do ouvido. E você cata piolho, né? Tá ali fazendo carinho na cabeça da pessoa, da criança, do jovem e tal, e enquanto isso está enchendo ele de histórias, dessas coisas. Então não tem um simbolismo, tem uma realidade. É assim. Agora, o jeito de contar é meu. Aí entra talvez o estilo narrativo, que é outra coisa que a literatura faz. Um estilo seu de contar.



Figura 82 - Carta de Daniel Munduruku para o Clubinho de Leitura²⁹

Numa viagem posterior, levei a correspondência da Flipinha para o Córrego. Percebi que o deslocamento dos meninos com essa memória itinerante tivera um impacto muito positivo na comunidade. Trago aqui a reação de Adélia ao receber sua “carta para-ti”:



Figura 83 - Adélia segurando postais

²⁹ Este postal assim como um trecho da entrevista de Daniel Munduruku fazem parte do “Painel dos Escritores” da Casa de Memória e Cultura.

Adélia: Nessa foto, quando eu peguei eu falei: o que que eu vou escrever aqui? Aí eu falei, o que eu posso fazer é colocar o que acontece aqui, né? O que essa foto me traz, de que ela me faz lembrar. É o que eu posso fazer. Eu não esperava dela mexer com outras pessoas, sabe, aquilo que eu escrevi. Aí através desses postais a gente pode ver que as pessoas valorizam, né, aquilo que sai da gente que a gente acha que não tem sentido nenhum mas mexe com outros. É o que posso perceber nesse trabalho.



Figura 84 - Postal da capela com mensagem de Adélia

Esta é a capela de São Januário, local de encontro da comunidade onde nos alimentamos espiritualmente para nos fortalecer na caminhada. Ninguém é capaz de viver só, precisamos uns dos outros. Você valoriza essa idéia de viver em comunidade?
Um abraço de Adélia Maria Pereira, **Córrego dos Januários**

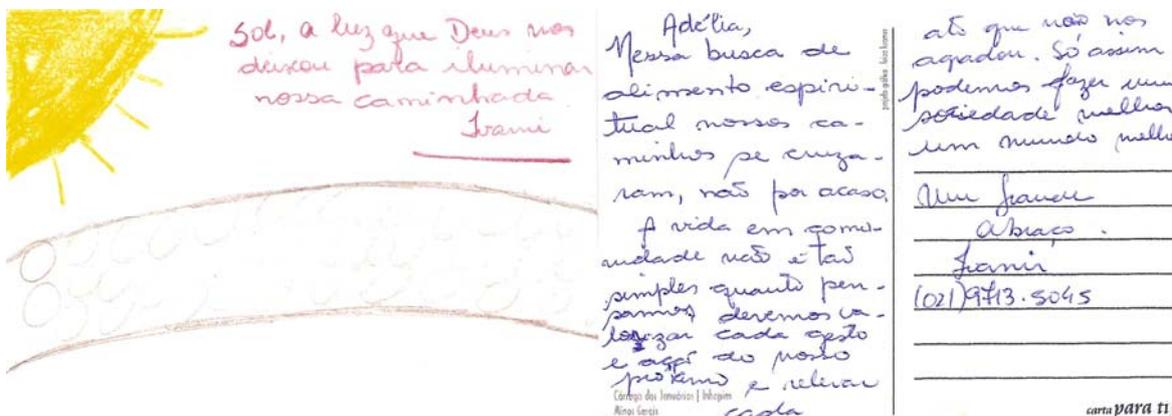


Figura 85 - Resposta para Adélia

Adélia,
Nessa busca de alimento espiritual nossos caminhos se cruzaram, não por acaso. A vida em comunidade não é tão simples como pensamos devemos valorizar cada gesto e ação do nosso próximo e relevar cada ato que não nos agrada. Só assim podemos fazer uma sociedade melhor, um mundo melhor. Um grande abraço,
Ivanir

O postal de Ivanir tocou fundo em Adélia, que ao lê-lo se emocionou. Como presidente da associação comunitária dos Januários, Adélia não esperava

encontrar tamanha compreensão do seu viver comunitário em alguém tão distante de seu cotidiano.

Adélia: Tem hora que eu acho que a gente desvaloriza a gente mesmo, daquilo que a gente é capaz. Às vezes a gente tem capacidade pra fazer coisas, mas a gente acomoda. Não valoriza esse dom que a gente tem. Eu não imaginava assim, que as pessoas lá fora fossem ver e dar um retorno tão gratificante pra gente. Nunca imaginava de uma pessoa estranha receber essas mensagens e até dar força pra gente continuar fazendo alguma coisa pra melhorar. Todos eles eu gostei muito, mas esse assim, que eu guardei mais. Parabenizando pelo trabalho de comunidade que a gente faz, e fala que não é fácil, mas é gratificante pra gente.

A concepção dos postais contou com a parceria de Luiza Kramer, que desenvolveu em 2006 toda a criação gráfica do projeto. Sem o trabalho de Luiza, nossas “cartas para-ti” não existiriam. Durante nossa primeira viagem com o projeto, eu, Toquinho e os meninos não tivemos dúvida ao escolher o postal que mandaríamos para Luiza como expressão de profunda admiração e gratidão.

A foto que fiz em outubro de 2005 aconteceu movida pelo desejo das crianças de que eu registrasse a sapucaia, aproveitando os poucos dias em que ela floresce por ano. Quando os moradores viram a imagem, comentaram orgulhosos: essa árvore é o nosso cartão-postal. Mais tarde entendi que naquele instante nascia o primeiro “carta para-ti”.



Figura 86 - Postal da Sapucaia com mensagem para Luiza Kramer

Para Luiza,
 Nossa participação no “Arte na praça” foi maravilhosa e inesquecível. Sem você e sua arte visual isso não seria possível. Estes postais são como os frutos de uma árvore. Muito obrigado por tudo. Um abraço carinhoso e esperamos você no Córrego.
 Flip, 7 de julho de 2007 Paraty- RJ

4.3 PUC PELA PAZ

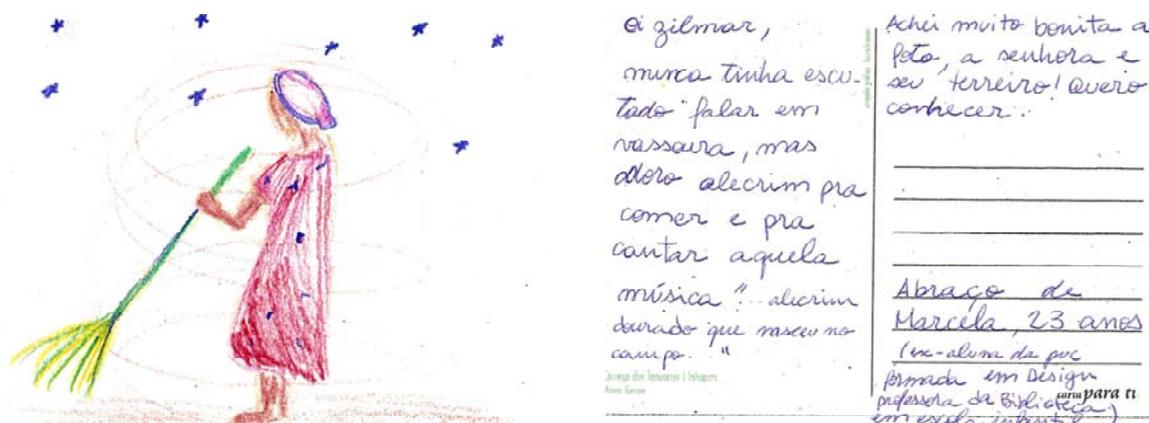


Figura 87 - Resposta do postal de Marcela para Zilmar

Oi Zilmar,
 Nunca tinha escutado falar em vassoura, mas adoro alecrim pra comer e pra cantar aquela música "... alecrim dourado que nasceu no campo..." Achei muito bonita a foto, a senhora e seu terreiro! Quero conhecer. Abraço de Marcela, 23 anos (ex-aluna da PUC formada em Design professora da Biblioteca em escola infantil)

A segunda oficina "Carta para-ti" aconteceu no dia 12 de novembro de 2007, na PUC-Rio. Fomos convidados a participar do evento "PUC PELA PAZ – Universidade a serviço da sociedade" (Anexo 8.2).

Mais uma vez, um grupo do Córrego se organizou para participar da oficina juntamente com Toquinho e eu. Além de Edervanio, Dayane e Branca, que também estiveram em Paraty, Talles de Souza (estudante da 6ª série do Ensino Fundamental) e Rita de Cássia Dias de Oliveira (professora) formaram o grupo dessa viagem. No roteiro, incluímos também uma visita a Petrópolis e ao projeto "Paiol de Histórias", da Fundação Lygia Bojunga, como será visto no próximo capítulo.

O convite para participarmos desse evento foi recebido com muita alegria por todos nós. A possibilidade de a memória itinerante dos Januários circular dessa vez dentro de um contexto universitário nos pareceu muito interessante. Além disso, vários colegas pesquisadores que acompanham o projeto desde o mestrado poderiam finalmente conhecer alguns moradores do Córrego.



Figura 88 - Vicente e Marcela. Rio de Janeiro - 12 de novembro de 2007

Figura 89 - Elaine

Figura 90 - Toquinha e Maria Inês

Figura 91 - Branca, Rita, Denise, Elaine, Talles, Edervanio e Dayane

Figura 92 - Um participante da oficina

Para o grupo mineiro, significava também mais uma viagem, dessa vez ao Rio de Janeiro, que – assim como Paraty – nenhum deles conhecia. Para os Januários que ficavam, percebíamos que esses convites reforçavam uma percepção de valor, de que os “contos e imagens” do Córrego provocavam interesse. E nesse evento, os coordenadores viram nas “cartas para-ti” uma ligação com o tema da paz, como expliquei para os Januários na viagem de preparação do grupo para o Rio de Janeiro. A meu ver, as pessoas relacionaram a paz com a necessidade de diminuirmos a distância entre memórias e histórias, sendo os postais, portanto, uma possibilidade fecunda na criação de elos.

Os postais “carta para-ti” narram em “contos e imagens” práticas comuns, “artes de fazer” (Certeau, 1994) dos Januários, e revelam como estes inventam seu cotidiano.

Nossa intenção nas oficinas era colocar essas narrativas em curso, deslocá-las do Córrego para outros destinos. Podemos observar nas respostas para os Januários o quanto os postais provocam memória e um deslocamento no tempo e no espaço. Os participantes da oficina vão se deslocando não só até o universo cultural e experiencial do Córrego, mas também adentram na própria história, enquanto se lembram, e o diálogo com outras gerações emerge.

O pensamento, quando se recorda, pode percorrer em alguns instantes intervalos de tempo mais ou menos grandes e percorrer o curso da duração com uma rapidez que varia não somente de um grupo para outro, mas ainda no interior de um mesmo grupo, de um indivíduo para outro, e até mesmo, para um indivíduo que permaneça dentro do mesmo grupo, de um momento para outro (Halbwachs, 2004, p.125).

O postal “Dona Nega na janela” revela um “conto e imagem” produzido por Gilzane em dois momentos distintos. No primeiro, durante a oficina de fotografia (2003), fez a foto. Em 2006, quando desenvolvemos o projeto “Carta para-ti”, ela retomou a imagem e criou um texto que conta e pergunta. Neste caso, a destinatária foi Maria Alice que, atraída pelo postal, dialoga com Gilzane. D. Nega, através do olhar e da escrita de Gilzane, sai do Córrego mesmo sem viajar. E é Rita, filha de D. Nega, que, tocada pela escolha de Maria Alice, posa na foto com ela.

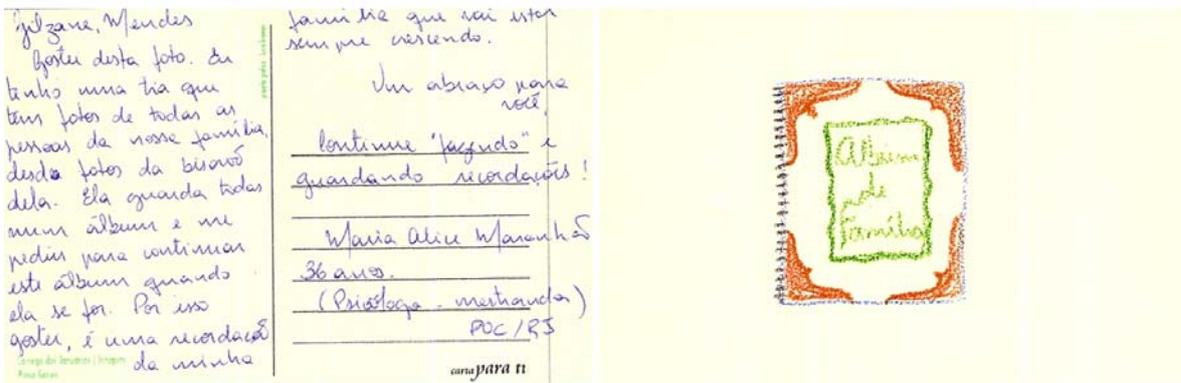


Figura 93 - Postal de D. Nega com mensagem de Gilzane

Figura 94 - Maria Alice e Rita

Figura 95 - Resposta para Gilzane

Tirei essa foto para guardar de recordação de uma das mães da Família Januário, que vive na comunidade onde moro. E você, gosta de guardar recordações de seus familiares? Um abraço,
Gilzane Mendes (14 anos).

Gostei dessa foto. Eu tenho uma tia que tem fotos de todas as pessoas da nossa família, desde fotos da bisavó dela. Ela guarda todas num álbum e me pediu para continuar esse álbum quando ela se for. Por isso gostei, é uma recordação da minha família que vai estar sempre crescendo. Um abraço para você. Continue “fazendo” e guardando recordações!
Maria Alice Maranhão, 36 anos (Psicóloga –mestranda- PUC Rio).

Outro postal nos remete ao tema do testemunho. A “Última imagem de seu Geraldino” foi tirada em 2003, num momento em que andávamos pelas casas mostrando as fotos produzidas na oficina pelas crianças. Seu Geraldino segurava nas mãos a fotografia tirada por Regiane a pedido de Brenda, bisneta dele. A imagem mostra os dois abraçados naquela mesma cadeira em que ele via a foto. Seu Geraldino, “o velhinho mais velhinho” de todo o Córrego dos Januários, como diziam as crianças carinhosamente, falava muito pouco. Olhou a foto e sorriu, demonstrando sua alegria com a imagem que sinalizava reverência e afeto, não só de sua bisneta mas de todos ali. Depois me olhou de um jeito muito terno, como quem agradece e abençoa um gesto. Ficou um tempo com a foto nas mãos, contemplando a imagem. A cena me tocou profundamente e registrei-a. Só não podia imaginar que aquela seria sua última imagem fotográfica. Seu Geraldino morreu dias depois de morte serena, tranqüila (Gusmão, 2004, p.171).

Maria Alexandre escreveu um texto que expressa seu testemunho da generosidade e delicadeza do pai, Geraldino, e encontrou em Solange Jobim uma escuta, uma ressonância. Com ilustração de Talles, Solange respondeu ao postal e agora, enquanto escrevo, penso como é bonito também testemunhar a gratidão por uma lembrança...

No quadro a seguir, vemos, ao lado de Maria Inês, Dayane segurando o postal de Marcelo. Anteriormente, analisamos a imagem de Marcelo associando seu movimento ao de Janus bifronte. Marcelo olha para trás para encaminhar seu futuro. Um futuro que se apóia numa tradição, na experiência e no legado paterno, mas que também se abre ao novo. Dayane é filha de Marcelo e esteve presente nas duas viagens da oficina “Carta para-ti”, participando ativamente em todo o processo. Ao confiar e permitir que Dayane saísse do Córrego conosco, Marcelo possibilita que a filha encaminhe seu futuro na tensão entre a tradição e o novo. Dayane leva um pouco de sua história nos postais e, ao regressar para casa, volta com a identidade fortalecida e com uma bagagem renovada.

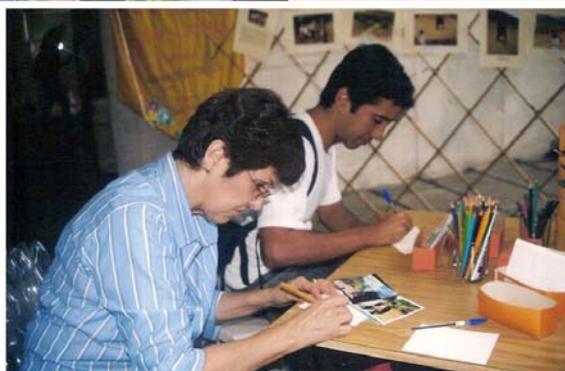


Figura 99 - Postal de Maria Inês e Dayane com mensagem de Marcelo Dias

Figura 100 - Maria Inês escrevendo

Figura 101 - Resposta de Maria Inês para Marcelo Dias

Olhando esta foto, me lembro do dia em que ela foi feita. Ela me faz pensar em muitas coisas. Enquanto olho, sinto uma ligação do meu pai comigo, e tenho fé que mesmo diante das dificuldades, vou criar minha família com o meu trabalho e meu bom exemplo, se Deus quiser. Esta é a foto da minha lavoura de café. Eu sou lavrador. Qual a profissão de seus pais? Um abraço,
Marcelo Dias

Marcelo,
Eu sou professora e meu pai também era. Vejo que o exemplo do seu pai também marcou a sua vida, que bom! Desejo que você realize os seu projetos.
Maria Inês (Professora, PUC-Rio)

No quadro que se segue, o professor Luis Vicente Barros e Marcela Carvalho, parceiros fundamentais, como será visto no próximo capítulo, adentravam pela primeira vez nos “contos e imagens” dos Januários. O texto e o desenho de Vicente pareciam anunciar o eixo essencial da sua inserção na consolidação da Casa de Memória e Cultura: a importância do coletivo.

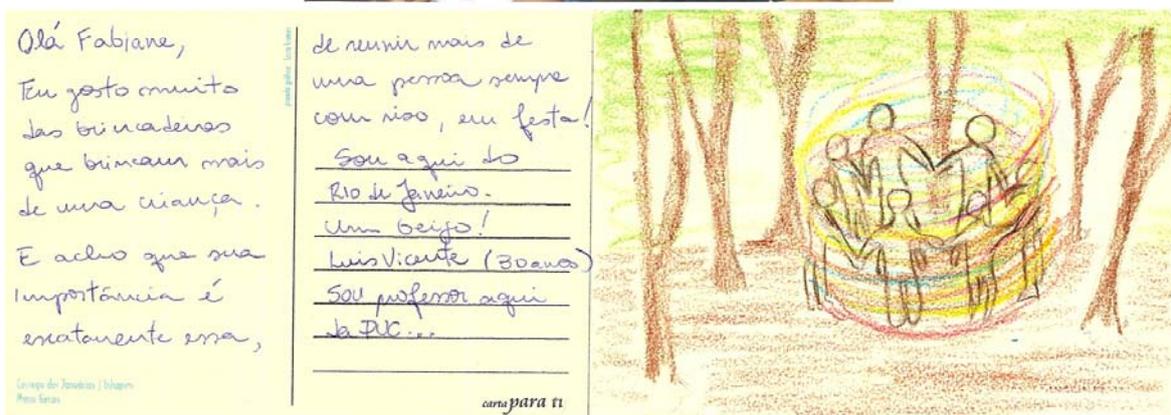
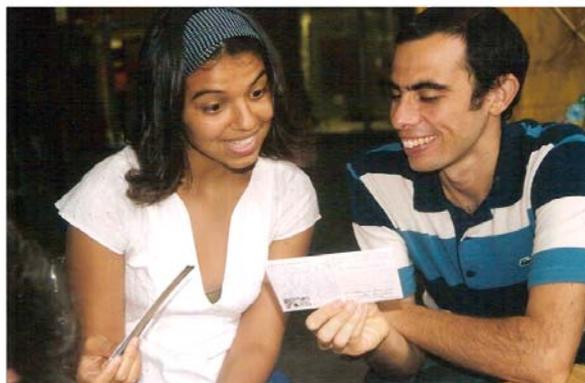


Figura 102 - Postal Meninos soltando pipa com mensagem de Fabiane

Figura 103 - Marcela e Vicente escolhendo os postais

Figura 104 - Resposta de Vicente para Fabiane

Ao tirar esta foto, percebi a importância das brincadeiras para cada um. Para você qual a importância delas? De que você gosta de brincar? Um abraço,
Fabiane 14 anos

Olá Fabiane,
Eu gosto muito das brincadeiras que brincam mais de uma criança. E acho que sua importância é exatamente essa, de reunir mais de uma pessoa sempre com riso, em festa!
Sou aqui do Rio de Janeiro e professor aqui da PUC. Um beijo!
Luis Vicente (30 anos)

O postal “Zito jogando peteca com os alunos” traz o tema do diálogo e aprendizado entre as gerações, e seu cenário é a escola. Em todas as nossas

viagens de 2003 (Gusmão, 2004, p.155), nos reunimos com os professores e as crianças das duas escolas do Córrego dos Januários. Numa conversa com Marta, Maria Auxiliadora e Rosmar, professoras da Escola Municipal Elias Januário onde estudavam 47 crianças de cinco a oito anos (da pré-alfabetização à 2ª série), decidimos que em junho de 2003 convidaríamos alguns dos moradores mais antigos para visitar a escola. As professoras, que moram na cidade de Inhapim, estavam entusiasmadas por conhecer, por meio dos contos e imagens, a história do lugar onde trabalham. Sentiam a necessidade de estabelecer no cotidiano escolar uma ponte maior entre a escola e a comunidade. Juntas pensamos numa atividade que fortalecesse esse vínculo, favorecendo o encontro das gerações num intercâmbio de saberes e experiências.

Foi nesse contexto que convidamos Zito para ensinar as crianças a fazer peteca.

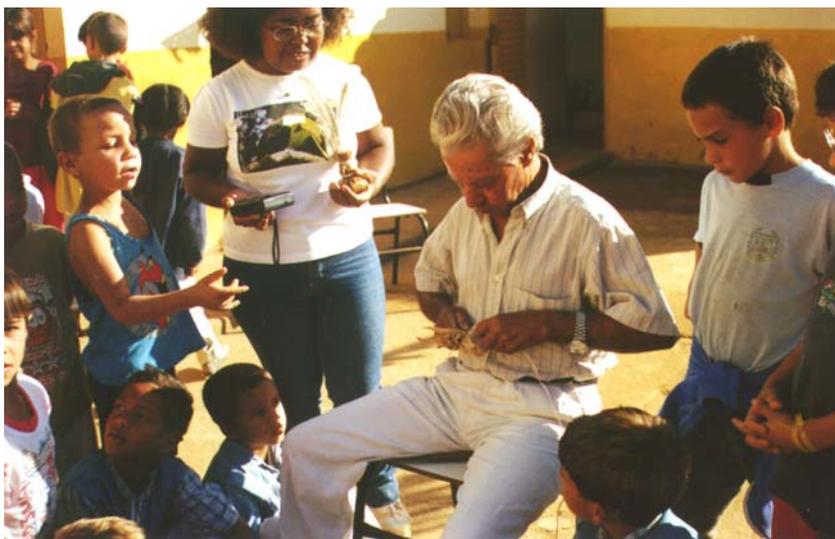


Figura 105 - Zito na escola ensinando a fazer peteca

As crianças não tiravam os olhos das mãos de Zito, que concluiu a “aula de peteca” com um jogo. E assim, tempos depois, nasceu um postal que recebeu nas oficinas diversas respostas.

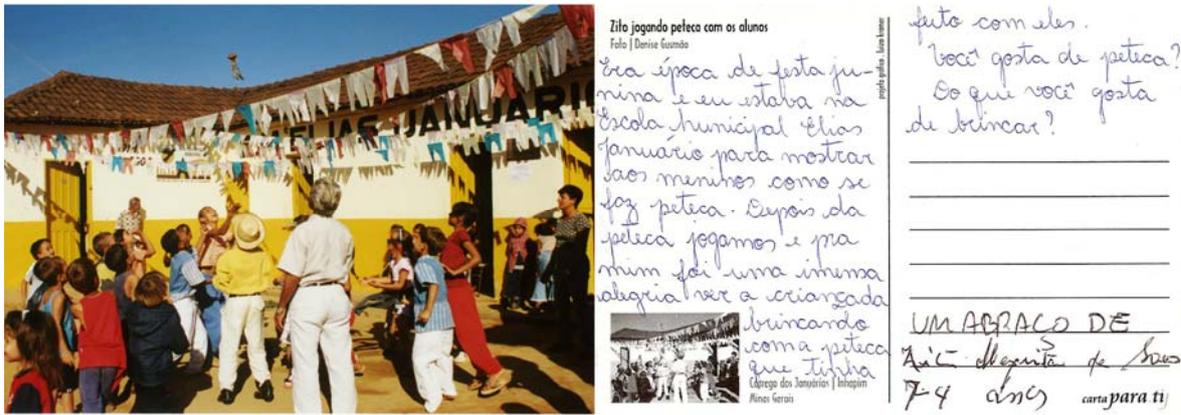


Figura 106 - Postal de Zito na escola ensinando fazer peteca

Era época de festa junina e eu estava na Escola Municipal Elias Januário para mostrar aos meninos como se faz peteca. Depois da peteca jogamos e pra mim foi uma imensa alegria ver a criançada brincando com a peteca que tinha feito com eles. Você gosta de peteca? Do que você gosta de brincar? Um abraço de Zito (74 anos)

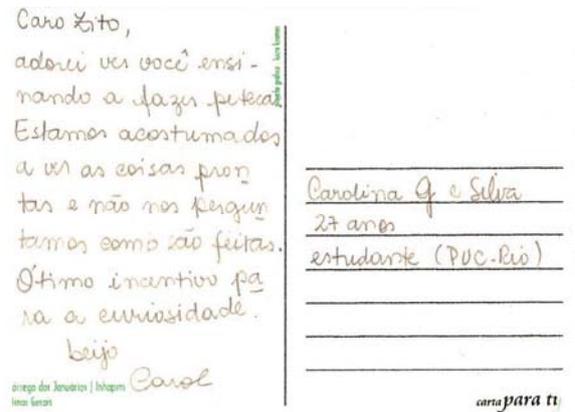
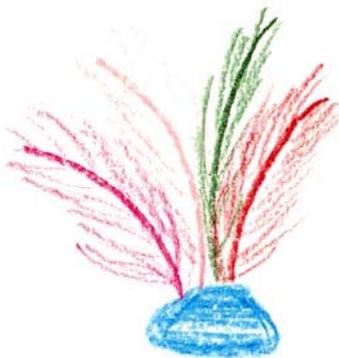


Figura 107 - Resposta de Carolina para Zito

Caro Zito,
Adorei ver você ensinando a fazer peteca. Estamos acostumados a ver coisas prontas e não nos perguntamos como são feitas. Ótimo incentivo para a curiosidade. Beijo,
Carolina G. e Silva Estudante (PUC- Rio)



Figura 108 - Resposta de Clara Colker para Zito

Olha Zito,

Eu nunca brinquei de peteca não mas posso sentir como foi bom pra você ter visto o pessoal brincando com esta peteca. Fiquei atraída por esta foto pois senti a alegria do momento desta festa. Não há mais festas assim na minha cidade, onde todos se conhecem, brincam juntos. Gosto de brincar de desenho e pintura, também gosto de arrumar a casa. Abraços!

Clara Colker 23 anos estudante de desenho industrial na PUC

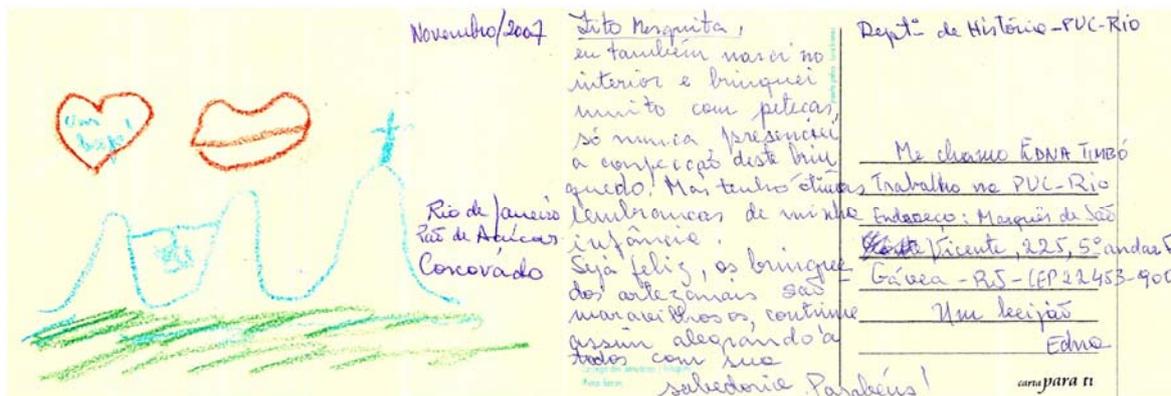


Figura 109 - Resposta de Edna para Zito

Zito Mesquita,

Eu nasci no interior e brinquei muito com petecas, só nunca presenciei a confecção desse brinquedo! Mas tenho ótimas lembranças de minha infância. Seja feliz, os brinquedos artesanais são maravilhosos, continue assim, alegrando a todos com sua sabedoria. Parabéns! Me chamo Edna Timbó Trabalho na PUC Rio –Departamento de História. Um beijão,
Edna

As crianças jogaram com Zito. Por trás da peteca encontramos as mãos cheias de traços, histórias e gestos capazes de alegrar todos ali presentes. Uma das minhas maiores lembranças desse dia foi o prazer e a seriedade com que percebi Zito participar daquela manhã na Escola Municipal Elias Januário, e penso que Bosi (1994) tem toda a razão: “Durante a velhice deveríamos estar engajados em causas que nos transcendem, que não envelhecem, e que dão significado a nossos gestos cotidianos” (p.80). Gestos que naquela manhã não poderíamos supor que chegariam aos pilotis da PUC e encontrariam em Clara, Edna e Carolina destino e interlocução.

Em dezembro de 2007, após o evento PUC PELA PAZ, voltei ao Córrego dos Januários.

Durante uma reunião com o grupo que viajou para o Rio, Nizinha, neta de D. Fiinha, apareceu e leu suas “cartas para-ti”.

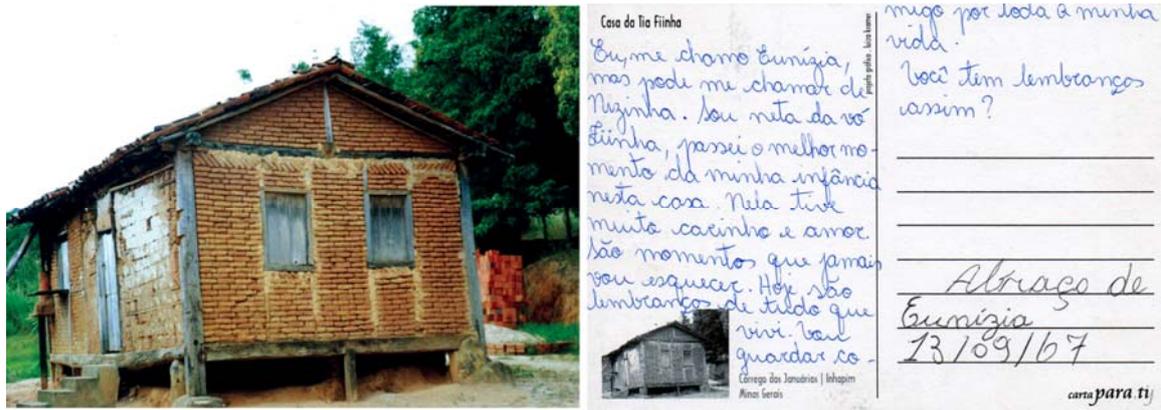


Figura 110 - Postal Casa da Tia Fiinha com mensagem de Nizinha

Eu, me chamo Eunizia, mas pode me chamar de Nizinha. Sou neta da vó Fiinha, passei o melhor momento da minha infância nesta casa. Nela tive muito carinho e amor. São momentos que jamais vou esquecer. Hoje são lembranças de tudo que vivi. Vou guardar comigo por toda a minha vida. Você tem lembranças assim? Abraço de Eunizia



Figura 111 - Resposta de Clara Colker para Nizinha

Oi Eunizia

Também tenho lembranças de um lugar assim, onde passei grande parte da minha infância e vivi momentos felizes. Foi muito bom a tua lembrança ter feito eu despertar as minhas lembranças. Casa da avó é sempre tão especial, não é? Tão acolhedor, tão protetor. É importante falarmos isso para nossas avós para que elas saibam a importância que tem na nossa vida. Abraços, Clara Colker, 24 anos, estudante de Desenho Industrial.

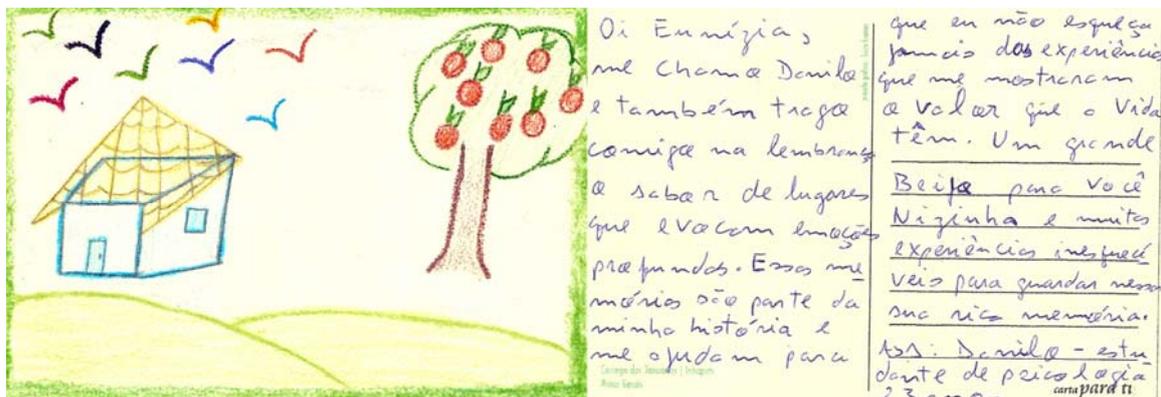


Figura 112 - Resposta de Danilo para Nizinha

Oi Eunízia, me chamo Danilo e também trago comigo na lembrança o sabor de lugares que evocam emoções profundas. Essas memórias são parte da minha história e me ajudam para que eu não esqueça jamais das experiências que me mostraram o valor que a vida tem. Um grande beijo para você Nizinha e muitas experiências inesquecíveis para guardar nessa sua rica memória. Danilo, estudante de psicologia, 23 anos.

Ao ler as respostas de Clara e Danilo, Nizinha comentou com entusiasmo:

Nizinha: O que eu achei muito legal foi que através do meu postal, despertou a lembrança deles. (...) Eu ter despertado ela de tão longe... Engraçado, às vezes uma pessoa que tá perto da gente todo dia às vezes a gente não fala, e de repente uma pessoa distante, que a gente nem conhece pessoalmente, acaba despertando. Às vezes a gente nunca vai ver essa pessoa, mas ali criou um elo.

O depoimento de Nizinha reforça o que observei acontecer em vários momentos durante a dinâmica das oficinas “cartas para-ti”: os postais dos Januários funcionavam como disparadores de memória. E nesse potencial que a memória de um tem em ativar a memória do outro, cria-se uma rede de lembranças em que as distâncias diminuem, laços se criam e histórias se encontram.

Em relato escrito após o retorno ao Córrego, Edervanio expressou com clareza a rede de memória que esse projeto itinerante possibilita criar:



Figura 113 - Edervanio e Stephan

Edervanio: Nem a chuva forte que caía no Rio de Janeiro naquele dia nos tirou o entusiasmo em participar de um evento tão importante. Mais uma vez somos colocados diante daquelas muitas pessoas pra mostrar nosso trabalho. As pessoas

que por ali passaram se contagiaram e se descobriram em nossas histórias. Cada imagem trazia uma lembrança, e essas lembranças provocavam emoções profundas que nos envolviam mais com as pessoas. Eram as “Imagens” reproduzindo “Contos” que se encontravam com nossas histórias.



Figura 114 - Oficina “Carta para-ti” no PUC PELA PAZ